

PSICANÁLISE E ADOLESCÊNCIA: REVISITANDO O CLÁSSICO E PENSANDO O CONTEMPORÂNEO

PSYCHOANALYSIS AND ADOLESCENCE: REVISITING THE CLASSIC AND
REFLECTING ON THE CONTEMPORARY

PSICOANÁLISIS Y ADOLESCENCIA: REVISITANDO LO CLÁSICO Y PENSANDO LO CONTEMPORÁNEO

Ana Luiza Camargo de Lima¹

Bruna Larissa Correia Klegin²

Luíza Bernardini Ferrari³

RESUMO: Esse artigo buscou entender os impactos das transformações da adolescência contemporânea na teoria e prática psicanalítica. Embora Freud não tenha utilizado o termo "adolescência", suas contribuições sobre a puberdade e a reorganização psíquica após o complexo de Édipo são essenciais para compreender essa fase do desenvolvimento. O estudo analisa como as mudanças culturais e sociais, especialmente o papel das redes digitais, influenciam a experiência adolescente e afetam a prática clínica psicanalítica. A pesquisa envolveu uma revisão narrativa, com base em livros clássicos da psicanálise, artigos científicos e produções acadêmicas recentes, focando na adolescência sob a ótica psicanalítica e no impacto das redes sociais. Os resultados indicam que, embora a adolescência continue sendo um período de crise e reorganização psíquica, o cenário atual amplia sua complexidade. As redes sociais, ao mesmo tempo que oferecem novos espaços de expressão, intensificam angústias e comparações, potencializando sentimentos de inadequação. A clínica psicanalítica, portanto, deve adotar uma escuta sensível às especificidades culturais e tecnológicas dos adolescentes. Conclui-se que é necessário articular os conceitos clássicos da psicanálise com as demandas contemporâneas, considerando as novas formas de expressão dos conflitos adolescentes e os desafios impostos pela sociedade digital.

9546

Palavras-chave: Adolescência. Psicanálise. Redes Sociais.

ABSTRACT: This article aimed to understand the impacts of contemporary adolescence transformations on psychoanalytic theory and practice. Although Freud did not use the term "adolescence," his contributions regarding puberty and the psychic reorganization after the Oedipus complex are essential for understanding this phase of development. The study analyzes how cultural and social changes, especially the role of digital networks, influence adolescent experience and affect psychoanalytic clinical practice. The research involved a narrative review based on classic psychoanalytic texts, scientific articles, and recent academic productions, focusing on adolescence from a psychoanalytic perspective and the impact of social media. The results indicate that, while adolescence remains a period of crisis and psychic reorganization, the current scenario amplifies its complexity. Social networks, while providing new spaces for expression, intensify anxieties and comparisons, amplifying feelings of inadequacy. Therefore, psychoanalytic practice must adopt an attentive listening approach to the cultural and technological specificities of adolescents. The study concludes that it is necessary to integrate classic psychoanalytic concepts with contemporary demands, considering the new forms of expression of adolescent conflicts and the challenges posed by digital society.

Keywords: Adolescence. Psychoanalysis. Social Media.

¹Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Univel.

²Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Univel.

³Psicóloga. Especialista em Psicanálise de Freud à Lacan. Docente do Centro Universitário Univel.

RESUMEN: Este artículo buscó comprender los impactos de las transformaciones de la adolescencia contemporánea en la teoría y la práctica psicoanalítica. Aunque Freud no utilizó el término "adolescencia", sus contribuciones sobre la pubertad y la reorganización psíquica después del complejo de Edipo son esenciales para entender esta etapa del desarrollo. El estudio analiza cómo los cambios culturales y sociales, especialmente el papel de las redes digitales, influyen en la experiencia adolescente y afectan la práctica clínica psicoanalítica. La investigación consistió en una revisión narrativa basada en libros clásicos de psicoanálisis, artículos científicos y producciones académicas recientes, enfocándose en la adolescencia desde una perspectiva psicoanalítica y en el impacto de las redes sociales. Los resultados indican que, aunque la adolescencia sigue siendo un período de crisis y reorganización psíquica, el escenario actual amplía su complejidad. Las redes sociales, al mismo tiempo que ofrecen nuevos espacios de expresión, intensifican angustias y comparaciones, potenciando sentimientos de inadecuación. Por lo tanto, la práctica psicoanalítica debe adoptar una escucha atenta a las especificidades culturales y tecnológicas de los adolescentes. Se concluye que es necesario articular los conceptos clásicos del psicoanálisis con las demandas contemporáneas, considerando las nuevas formas de expresión de los conflictos adolescentes y los desafíos impuestos por la sociedad digital.

Palabras clave: Adolescencia. Psicoanálisis. Redes Sociales.

INTRODUÇÃO

O artigo toma a psicanálise como referência para examinar os atravessamentos que marcam a adolescência na contemporaneidade. Trata-se de um período repleto de transformações, dúvidas, descobertas, conflitos e uma série de mudanças, tanto no corpo quanto no modo como o sujeito se vê e se relaciona com o mundo (GOMES VRR, 2017). A partir da teoria psicanalítica, discutem-se os desafios e paradoxos que definem essa experiência na atualidade.

9547

Embora o termo “adolescência” não seja utilizado na psicanálise freudiana, esse período da vida é abordado pela teoria, sobretudo a partir do conceito de puberdade. Trata-se de uma fase marcada por intensas transformações físicas e psíquicas, que incidem diretamente sobre a constituição do sujeito. Nesse momento, observam-se mudanças significativas nas estruturas familiares, nos laços sociais e na organização psíquica, o que permite compreendê-lo como um tempo de “crise”, no sentido de uma passagem que desestabiliza e reorganiza posições subjetivas. Por isso, ainda que não seja um conceito próprio da psicanálise, a adolescência configura-se como um campo relevante de investigação (VIOLA DTD e VORCARO AMR, 2015).

Este é o momento em que o jovem começa a se perceber como alguém responsável e individual, passando a se considerar mais maduro e capaz de tomar decisões por conta própria, de acordo com seus próprios desejos. Aos poucos, também começa a ser reconhecido dessa forma

pelos adultos ao seu redor, existe uma busca de identidade, em que o adolescente procura pertencer a grupos, o que muitas vezes influencia seu modo de vestir, pensar, agir e até seus ideais de vida. Tudo isso ocorre enquanto ele alimenta o sonho de liberdade e autonomia que a vida adulta parece ofertar (CALLIGARIS C, 2000).

Segundo Aberastury A (1959 *apud* Knobel M, 1981), o processo de amadurecimento psíquico na adolescência envolve a elaboração de três lutos fundamentais que marcam essa transição. O primeiro é o luto pela imagem infantil, no qual o adolescente precisa lidar com as transformações físicas provocadas pela puberdade, vivenciando as alterações como se estivesse apenas assistindo a um processo sobre o qual não tem domínio. O segundo consiste no luto pelo lugar de criança, que implica a renúncia à posição protegida e dependente em relação aos adultos. Por fim, há o luto pelos pais infantis, à medida que as figuras idealizadas da infância passam a ser questionadas e confrontadas.

Na reorganização psíquica adolescente, as experiências da infância não desaparecem; pelo contrário, seguem vivas na constituição do sujeito e voltam a aparecer, agora ressignificadas. Traços, lembranças, fantasias e construções infantis seguem moldando o desejo e o posicionamento subjetivo (GOMES VRR, 2017).

É uma fase de ruptura com a estabilidade da infância, em que o jovem se vê diante de mudanças internas e externas constantes. Knobel M (1981), denominou esse processo como “síndrome da adolescência normal”, ressaltando que é esperado que o adolescente enfrente angústias, confusões e conflitos. Afinal, evolui de um momento infantil, em que seus desejos eram prontamente atendidos e suas necessidades amplamente acolhidas pelos adultos, para entrar em um mundo onde essas garantias deixam de existir.

Analizar a adolescência contemporânea demanda considerar o contexto em que ela acontece. A presença das redes sociais se tornou parte central da vida dos jovens, funcionando como um espaço simbólico onde constroem expressão, reconhecimento e conexão. O ambiente digital deixou de ser apenas uma ferramenta de comunicação e passou a fazer parte da própria construção subjetiva. A internet, nesse âmbito, também produz sentidos, formas de ser e de estar no mundo (FLANZER SN, 2020).

O acesso às redes sociais facilita a construção de uma imagem idealizada, em que predominam os melhores momentos, os ângulos mais favoráveis e aquilo que se deseja que o outro veja. Esses ambientes digitais permitem a propagação do ódio - anônimo ou não - ,

situação em que o escudo proporcionado pela tela frequentemente intensifica a agressividade (KALLAS MBLM, 2016).

O adolescente, ao se ver exposto a padrões de beleza, discursos de sucesso, validações constantes e comparações inevitáveis, começa a formar sua autoimagem a partir de referências externas, muitas vezes idealizadas. Isso pode afetar diretamente a percepção corporal e a relação com o outro. A necessidade de pertencimento, que já é uma característica importante dessa fase, se amplifica no ambiente virtual, onde curtidas, comentários e seguidores passam a funcionar como formas de reconhecimento, e, muitas vezes, também como formas de julgamento (FLANZER SN, 2020).

Diante disso, o manejo clínico com adolescentes exige atenção às novas configurações que marcam sua experiência. A clínica hoje é permeada pelo universo digital, e os profissionais da área precisam escutar os efeitos que isso provoca na subjetividade dos jovens. As redes sociais manifestam-se nas falas, nos atos, nos sintomas e nas angústias expressas no *setting* terapêutico. Compreender os impactos desse universo digital na constituição do sujeito é fundamental para um trabalho clínico que acolha a singularidade de cada adolescente e que leve em conta os atravessamentos de seu tempo (FERNANDES BLM, 2022).

A psicanálise, ao deparar-se com as transformações subjetivas da adolescência na atualidade, vê-se confrontada com novos desafios clínicos e teóricos. O analista contemporâneo encontra um sujeito cujas formas de sofrimento são marcadas pelas condições singulares da época. Diante desse cenário, esta pesquisa parte do seguinte questionamento: Quais os efeitos das transformações da adolescência contemporânea para a teoria e a clínica psicanalítica, considerando as novas configurações do mal-estar? Para respondê-la, buscou-se caracterizar as concepções clássicas da adolescência em psicanálise, examinar as particularidades dessa passagem na contemporaneidade e refletir sobre o manejo clínico frente às atuais expressões do mal-estar.

MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, conforme proposto por Lakatos EM e Marconi MA (2003). Esse tipo de revisão permite uma análise ampla e crítica das produções acadêmicas relacionadas ao tema em questão, possibilitando identificar os principais conceitos, teorias, discussões e lacunas existentes na literatura.

A busca foi realizada nas bases SciELO, PePSIC, Lilacs e CAPES Periódicos, além de

obras clássicas e atuais da teoria psicanalítica sobre a adolescência.

Os descritores utilizados foram “psicanálise”, “adolescência”, “redes sociais”, “mal-estar na contemporaneidade” e “manejo clínico psicanalítico”. Foram selecionados materiais que discutem as concepções psicanalíticas da adolescência e suas expressões atuais, com exclusão daqueles que não mantinham relação direta com o tema proposto. A análise consistiu em uma leitura crítica e interpretativa, articulando as contribuições fundamentais da psicanálise com as discussões contemporâneas sobre a passagem adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As concepções clássicas da adolescência na teoria psicanalítica

Para compreender a adolescência sob a perspectiva psicanalítica, é fundamental explorar as concepções clássicas que a fundamentam. A teoria psicanalítica, desde suas origens, tem dedicado atenção especial ao período de transição da infância para a vida adulta, especialmente através das obras de Sigmund Freud e de outros autores posteriores. Nesse contexto, a puberdade surge como um processo biológico crucial, marcado por transformações corporais e psíquicas que representam uma ruptura nas formas anteriores de organização da sexualidade. Entretanto, é importante ressaltar que Freud não apresenta uma definição explícita da adolescência como uma fase distinta e estruturada do desenvolvimento. Ao contrário, ela surge como uma categoria resultante da articulação entre os efeitos da puberdade e as configurações psíquicas que dela decorrem, sendo, sobretudo, uma construção clínica e cultural (VIOLA DTD e VORCARO AMR, 2015).

9550

Gurski R e Pereira MR (2016) ressaltam que a adolescência é uma fase marcada por transformações significativas, em que o jovem busca compreender quem é, especialmente em relação à sua sexualidade e identidade. É nesse período que o adolescente reposiciona sua imagem, tanto subjetivamente quanto socialmente.

O impacto da puberdade na constituição da adolescência se manifesta a partir da fase anterior: a latência. Trata-se de um período psíquico que sucede a dissolução do complexo de Édipo e antecede as manifestações sexuais explícitas da puberdade. Segundo Viola DTD e Vorcaro AMR (2013), antes da fase de latência, a teoria psicanalítica (principalmente a obra de Freud) aponta que a criança vivencia uma sexualidade infantil marcada pelo autoerotismo e pelo complexo de Édipo. Nesse período, os investimentos libidinais são dirigidos a objetos específicos, sobretudo às figuras familiares, em torno do narcisismo e das primeiras experiências

de desejo. A fase pré-latência, portanto, representa um momento de intensas formações psíquicas, em que os impulsos sexuais ainda se organizam, sem estarem plenamente orientados para uma sexualidade adulta.

A transição para a latência, que Freud associa ao fim do complexo de Édipo, marca o início de um período de contenção das pulsões e reorganização psíquica. A fase de latência se caracteriza como uma espécie de intervalo, no qual há uma repressão relativa das manifestações da sexualidade, permitindo ao sujeito voltar-se para outras dimensões da vida psíquica e social, como a internalização de valores morais, o interesse pelo saber e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e relacionais. Esse período é fundamental para a constituição subjetiva, pois possibilita a sublimação das pulsões性ual, redirecionando os investimentos afetivos para objetos e atividades socialmente valorizadas. No entanto, essa suspensão não é definitiva. Com a chegada da puberdade, as energias pulsionais retornam com força, impulsionadas pelas transformações corporais e psíquicas que caracterizam o novo momento. A latência, assim, cumpre a função de preparar a criança/adolescente para as futuras configurações da sexualidade adulta e para os desafios próprios da adolescência, marcando uma transição decisiva na constituição do sujeito (VIOLA DTD e VORCARO AMR, 2013).

No terceiro ensaio dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud S (1905/1996) 9551 propõe a puberdade como uma etapa de ruptura com as formas anteriores de organização da sexualidade, marcada pela intensificação das pulsões e pelo surgimento de um novo objeto de desejo: o órgão genital. Essa mudança é acompanhada por uma transformação na qualidade dos investimentos libidinais, que passam de uma orientação predominantemente autoerótica na infância para um direcionamento mais objetivo na adolescência, com a integração das pulsões parciais ao órgão genital. Assim, a puberdade funciona como um momento de unificação e concretização dos processos libidinais, manifestando-se na emergência de conflitos ligados à separação dos pais e à busca pela autonomia, marcando a entrada na vida adulta.

Nesse contexto, a relação com os pais mantém uma influência constante na configuração do desejo e na escolha do objeto amoroso. A figura parental, ainda carregada de fantasias infantis, precisa ser reinterpretada à medida que o adolescente se distancia da dependência infantil e busca se afirmar como sujeito autônomo. Esse distanciamento não implica no afastamento literal, mas no rompimento simbólico, essencial para a construção da identidade. Essa dinâmica é fundamental para compreender o conceito de castração simbólica, a aceitação dos limites impostos pela realidade e a percepção da “falta no Outro”. A descoberta de que os

pais não são onipotentes e possuem falhas é um aspecto crucial e doloroso do desenvolvimento psíquico, pois implica na perda de certezas que a infância fornece (GARRITANO EJ e SADALA G, 2010).

Então, o adolescente abandona os ideais infantis, muitas vezes rígidos e totalizantes, em direção a novos ideais, que são buscados fora da família, na cultura. Trata-se de uma transição do “eu ideal”, aquela imagem perfeita e fantasiosa de si mesmo, para o “ideal do eu”, uma construção mais realista, influenciada por referências sociais, culturais e simbólicas (CANAVÊS F e CÂMARA L, 2020).

Esse período da constituição subjetiva também é marcado pela emergência da individuação e da responsabilidade, momento em que o jovem começa a se perceber como alguém capaz de tomar decisões por conta própria. Segundo Calligaris C (2000), o adolescente passa a buscar reconhecimento como sujeito autônomo, tanto para si quanto por parte dos adultos ao seu redor. Essa busca de afirmação se manifesta na tentativa de pertencimento a grupos sociais, o que influencia diretamente seu modo de vestir, falar, agir e até seus ideais de vida. Alimenta-se, nesse processo, o sonho de liberdade e autonomia que a vida adulta promete, ainda que essa liberdade venha acompanhada de angústias e inseguranças próprias do crescimento.

9552

Aberastury A (1959 apud Knobel M, 1981) propõe que esse processo de amadurecimento psíquico envolve a elaboração de três lutos fundamentais. O primeiro é o luto pela imagem corporal infantil, diante das mudanças físicas provocadas pela puberdade. O segundo é o luto pelo lugar de criança, o que implica renunciar à posição protegida e dependente que antes ocupava em relação aos adultos. O terceiro refere-se ao luto pelos pais idealizados da infância: figuras antes percebidas como perfeitas passam a ser questionadas, desidealizadas e confrontadas. Cada um desses lutos exige reelaborações simbólicas complexas, que impactam diretamente a constituição subjetiva do jovem.

Trata-se, portanto, de uma fase de ruptura com a estabilidade da infância, em que o adolescente enfrenta mudanças constantes. É nesse contexto que Knobel M (1981) introduz a “síndrome da adolescência normal”, reconhecendo que é esperado que o jovem passe por angústias, confusões e conflitos nesse processo de transição. O sujeito deixa para trás um momento da vida em que suas necessidades eram acolhidas e seus desejos prontamente atendidos, para entrar em um mundo onde as garantias anteriores deixam de existir. Essa perda

de estabilidade é estruturante, pois impulsiona o trabalho psíquico necessário à construção de uma posição menos alienada diante da vida.

A inquietação e a rebeldia típicas dessa fase muitas vezes são mal compreendidas pelos adultos, que podem ridicularizar os adolescentes, chamando-os de “aborrecentes”, ou até patologizá-los, interpretando suas crises como doenças. Esse olhar desqualificante ignora que essas experiências são parte essencial da formação da identidade (CANAVÊS F e CÂMARA L, 2020). Sendo assim, é fundamental respeitar o ritmo dessa fase: apressar os adolescentes ou rotulá-los de forma precipitada pode ser prejudicial, pois eles estão atravessando um momento de resistência e de reorganização psíquica (GURSKI E e PEREIRA MR, 2016).

A adolescência apresenta um paradoxo: ao mesmo tempo em que o jovem ganha liberdade com a perda dos referenciais infantis, ele também enfrenta um desamparo significativo ao se deparar com as exigências e a complexidade dos ideais culturais. Essa oscilação entre liberdade e angústia pode ser vivida de forma muito intensa, e por vezes perturbadora, tornando a adolescência uma etapa tão rica quanto desafiadora (CANAVÊS F e CÂMARA L, 2020). Trata-se, assim, de uma etapa marcada por operações subjetivas singulares, mais do que uma simples transição etária (FERREIRA GS e RAVASIO MH, 2018).

Por fim, a partir das teorias clássicas da psicanálise, percebe-se a adolescência como um período de reorganização da identidade e de redirecionamento das pulsões, com repercussões significativas nas relações com o corpo e com o Outro. No contexto contemporâneo, novas demandas sociais, culturais e tecnológicas vêm transformando a forma como esses processos se manifestam, tema que será abordado no próximo tópico, sobre as particularidades da passagem adolescente na atualidade.

As particularidades da passagem adolescente na contemporaneidade

As transformações sociais e culturais ocorridas ao longo do século XX impactaram de forma significativa a constituição do sujeito e suas formas de se relacionar. Nesse percurso, a adolescência passou a ser atravessada por novas demandas e desafios, especialmente a partir da consolidação de uma sociedade orientada pelo consumo e pela exibição de ideais de vida. Compreender esse cenário torna-se fundamental para refletir sobre como os jovens são afetados por narrativas que moldam desejos, comportamentos e modos de pertencimento, especialmente no contexto contemporâneo marcado pela virtualidade (GURSKI R e PEREIRA MR, 2016).

Após a Segunda Guerra Mundial, intensificou-se o consumismo e a criação de narrativas que indicavam o que comprar, vendendo a ideia de liberdade não mais vinculada a obrigações ou tradições, mas ao poder de escolher produtos e estilos de vida. Nesse contexto, o adolescente já nasce inserido em uma sociedade de consumo, marcada por necessidades de ordem estético-cultural e pela busca de ser desejado e invejado pelos outros (CANAVÊS F e CÂMARA L, 2020).

Com a presença das redes sociais, o adolescente contemporâneo dispõe da possibilidade de construir e projetar uma imagem distinta daquela vivida no cotidiano, uma “imagem perfeita” destinada a causar determinada impressão no outro. Nesse processo, ocorre a filtragem intencional dos conteúdos expostos, selecionando-se apenas aquilo que se deseja tornar visível. Por outro lado, o contato constante com as imagens idealizadas dos outros usuários influencia a própria forma de apresentação, reforçando critérios seletivos e moldando a autoimagem. Essa dinâmica contribui para a formação de um ambiente ilusório, que pode gerar dificuldades de adaptação e frustrações quando o jovem se depara com as exigências e limitações do mundo real (PEREIRA AS, et al., 2019).

Outro ponto relevante a ser discutido é o papel das redes sociais na propagação de informações, sejam elas verdadeiras ou não. Nesse ambiente virtual, notícias, boatos e difamações podem se espalhar rapidamente, alcançando grande repercussão. Muitas vezes, o que ganha destaque não é o conteúdo que possui base científica ou investigativa, mas aquilo que gera maior visibilidade e engajamento. Assim, a aparência de verdade passa a ter mais força do que a veracidade em si, já que o que circula de forma simplificada e atrativa tende a alcançar mais pessoas, enquanto conteúdos mais densos e complexos acabam sendo deixados de lado. No contexto adolescente, essa dinâmica se intensifica, uma vez que fofocas e fake news circulam ainda mais nesse meio, reforçando padrões de interação marcados pelo imediatismo e pela busca de reconhecimento social (JERUSALINSKY J, 2017). 9554

Ainda deve-se atentar para a velocidade em que as informações chegam na vida dos jovens atuais, sendo assim, a forma como são tocados e afetados por ela pode ser quase que instantânea, mesmo que seja muito distante em critérios espaciais, considerando que:

A internet hoje é o maior repositório de informações jamais visto na civilização humana. Essa possibilidade interminável de conteúdo, informações incompletas, essa atenção flutuante, essa alteração de consciência tudo isso é altamente estimulante (KALLAS MBLM, 2016, p.57).

As redes sociais podem ser compreendidas como um espaço simbólico, no qual fantasias são reveladas e desejos encontram possibilidades de realização. Nesse cenário, constrói-se a ideia

de um “mundo perfeito”, onde imagens, experiências e sensações se apresentam como ilimitadas, reforçando a percepção de que tudo é possível (PEREIRA AS, et al., 2019).

Nesse contexto, é preciso considerar que a fase de relações amorosas tem sido frequentemente transformada em um produto comercial. O adolescente é colocado no papel de consumidor, e entre os “produtos” que lhe são oferecidos ou incentivados estão o beijo, o sexo e o prazer. Nessa lógica mercantil, esses elementos passam a ser quantificados: o valor social do adolescente é frequentemente medido pelo número de relações que mantém, de beijos trocados ou de experiências sexuais vividas, e não pela qualidade dessas interações (GARRITANO EJ E SADALA G, 2010).

Desde o nascimento, são expostos a modelos de consumo: inclusive por meio dos chamados ritos de passagem contemporâneos. Esse processo se intensifica na adolescência, fase em que surgem regras implícitas sobre “como ser adolescente” e sobre como pertencer a determinados grupos. Embora existam múltiplas tribos e estilos possíveis, todos oferecem, de alguma forma, a promessa de encaixe e pertencimento, enquanto que aquilo que é considerado feio, inadequado ou “errado” pode resultar em exclusão social (CANAVÊS F e CÂMARA L, 2020).

Essa busca por visibilidade reforça a obrigação de reafirmar uma imagem ou sustentar determinados estereótipos, o que pode acarretar impactos significativos na constituição subjetiva, especialmente nas mídias virtuais, onde a hiperexposição:

[...] ocorre por um recorte que realiza uma exaltação narcísica. Frequentemente, o sujeito, na contemporaneidade, suspende a condição de viver uma experiência para tirar mais e mais selfies de si mesmo, em um permanente registro da própria imagem, enquanto se silencia a possibilidade de produzir uma enunciação a partir do que foi vivido (JERUSALINSKY J, 2017, p. 22).

O adolescente, nesse contexto, torna-se uma mercadoria, parte de uma lógica de consumo que esvazia o sentido das experiências. A dificuldade está no fato de que, nessa fase, o jovem ainda não possui, na maioria das vezes, consciência dessa dinâmica. Reconhecer tal condição faz parte de um processo marcado pelas transformações físicas e psíquicas da puberdade (GARRITANO EJ E SADALA G, 2010).

Desta forma, a hiperexposição nas mídias digitais, a pressão por padrões idealizados e a mercantilização das relações configuram transformações significativas em relação à adolescência descrita pelas teorias clássicas, gerando novas formas de mal-estar e sofrimento. Considerando esse cenário, o próximo tópico aborda o manejo clínico psicanalítico diante dessas manifestações no contexto contemporâneo.

O manejo clínico psicanalítico diante das expressões do mal-estar adolescente na atualidade

Em relação aos modos de intervenção com adolescentes, segundo Canavêz F e Câmara L (2020), é fundamental considerar algumas particularidades desta etapa da vida. A primeira delas diz respeito à chamada condição de moratória, um período de suspensão entre a infância e a vida adulta. Nesse intervalo, o adolescente ainda não é reconhecido como plenamente responsável, mas também já não é tratado como uma criança. Esse lugar intermediário é frequentemente reforçado pelos próprios adultos ao seu redor, que tendem a mantê-lo nessa posição de espera ou transição. Essa ambiguidade contribui para tornar a moratória uma condição estrutural na forma como a sociedade enxerga a adolescência.

Alinhados a essa compreensão, Aberastury A e Knobel M (1981) afirmam que a adolescência é, por si só, uma fase de intensas transformações e tensões intrapsíquicas. Os comportamentos apresentados nesse período, muitas vezes interpretados como disfuncionais ou patológicos, podem ser compreendidos como expressões legítimas de conflitos, angústias e processos de elaboração psíquica fundamentais à construção da identidade. Tais manifestações não devem ser vistas isoladamente como sintomas, mas como parte integrante do movimento natural de amadurecimento subjetivo.

Outro elemento fundamental abordado por Canavêz F e Câmara L (2020) é a ética da escuta. Ouvir o adolescente demanda mais do que reconhecer sua condição de sujeito "em formação"; exige reconhecê-lo como um sujeito desejante, capaz de tomar decisões, formular desejos e implicar-se em suas escolhas. Essa escuta ética e ativa permite a construção de vínculos significativos, fundamentais para a travessia simbólica do adolescente do espaço familiar para uma inserção mais ampla na cultura e na sociedade.

Essa questão da escuta se articula com a abordagem de Aberastury A e Knobel M (1981), que ressaltam a importância de acolher o adolescente em sua totalidade, considerando os aspectos psíquicos e socioculturais, e de evitar uma patologização precoce de comportamentos que são, muitas vezes, esperados e até necessários. Para os autores, o manejo clínico deve se configurar como um espaço simbólico e elaborativo, que favoreça a expressão das angústias de forma segura e interpretável.

A prática clínica com adolescentes, como destacam Canavêz F e Câmara L (2020), geralmente é motivada por uma demanda dos adultos, pais, responsáveis ou professores, que, preocupados com comportamentos considerados inadequados, buscam apoio profissional. Esses jovens são frequentemente rotulados como “indisciplinados”, “rebeldes”, “desatentos” ou

“hiperativos”, o que contribui para a cristalização de identidades negativas e restringe as possibilidades de transformação subjetiva. Nesse sentido, é fundamental incluir os adultos no processo terapêutico, promovendo uma ressignificação das posições atribuídas ao adolescente e abrindo espaço para que ele possa se reposicionar de forma mais construtiva.

A escuta clínica, nesse contexto, precisa estar atenta às contradições e flutuações características da adolescência, conforme salientam Aberastury A e Knobel M (1981). O terapeuta deve favorecer a integração dos aspectos em conflito, promovendo uma adaptação mais saudável frente às exigências da realidade. Isso requer uma postura ética e tecnicamente fundamentada, que reconheça as manifestações do mal-estar adolescente como parte dos processos evolutivos da passagem para a vida adulta.

Atualmente, os adolescentes estão inseridos em uma sociedade em constante transformação, marcada pela presença dominante das mídias digitais, redes sociais e pela rapidez com que a informação circula. Esse contexto favorece uma vivência emocional acelerada, intensificando expectativas, conflitos e sentimentos. Como resultado, experiências de insegurança, ansiedade e ambivalência tornam-se mais frequentes, afetando diretamente a construção da identidade dos jovens, bem como suas relações com o mundo e consigo mesmos, o que exige do analista uma postura flexível e sensível às novidades do contexto social, cultural e tecnológico que influenciam essa faixa etária (DOURADO AP e SOARES FR, 2021).

Diante da intensidade dos impulsos, dos conflitos entre autonomia e dependência, e das manifestações de busca por identidade, o profissional deve ir além das concepções gerais do desenvolvimento psíquico, reconhecendo a singularidade de cada adolescente, suas vivências particulares, seus contextos culturais e familiares, suas formas de expressão e de elaboração emocional (DOURADO AP e SOARES FR, 2021).

A partir das reflexões propostas por Cabbal AC (2020), torna-se evidente que o manejo clínico com adolescentes exige uma escuta qualificada, capaz de captar os efeitos subjetivos produzidos pelo contexto sociocultural contemporâneo. A clínica com adolescentes não pode restringir-se à escuta do sintoma manifesto, mas deve ser sensível aos modos de expressão do sujeito em sua tentativa de lidar com o mal-estar. Isso inclui reconhecer que, muitas vezes, o sofrimento psíquico aparece por meio de condutas impulsivas, silenciosas ou mesmo autodestrutivas, que, embora aparentemente desconexas, expressam um apelo à simbolização. O analista, ao ocupar uma posição ético-afetiva diante do adolescente, oferece um espaço onde

o sujeito pode, aos poucos, deslocar-se da repetição mortífera para uma escuta que convide à elaboração.

Ademais, destaca-se o papel ativo do analista no processo clínico, o que implica, em determinados momentos, uma intervenção mais direta e afirmativa. Longe de significar uma condução autoritária, essa postura busca transmitir ao adolescente a presença de um desejo que sustente a vida e a possibilidade de construção de novos sentidos. A clínica, portanto, se constitui como um espaço onde se pode reconfigurar a função simbólica do Outro, muitas vezes fragilizada pelas experiências familiares e sociais atuais. Nesse sentido, o desejo do analista atua como uma bússola que orienta o sujeito na travessia de suas crises e impasses (CABBAL AC, 2020).

Cabbal AC (2020) ainda ressalta que ao reconhecer os modos contemporâneos de subjetivação, marcados por uma linguagem mais rápida, fragmentada, cheia de imagens, vídeos e símbolos próprios das redes sociais e ainda pelo enfraquecimento das referências simbólicas tradicionais, o manejo clínico com adolescentes deve acolher essas novas formas de expressão sem patologizá-las de imediato. A escuta analítica precisa incluir os códigos próprios das juventudes, seus modos de pertencimento e seus sintomas sociais, como forma de acesso à singularidade do sujeito. Assim, o trabalho clínico não apenas visa a redução do sofrimento, mas a construção de uma travessia possível, na qual o adolescente possa reinventar sua relação com o desejo, com o corpo e com o Outro, dentro de uma lógica que não seja apenas adaptativa, mas verdadeiramente subjetivante.

9558

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender os efeitos das transformações da adolescência contemporânea para a teoria e a clínica psicanalítica. De modo mais específico, buscou-se retomar as concepções clássicas da psicanálise sobre esse período de desenvolvimento, analisar os atravessamentos atuais que incidem sobre a adolescência, em especial o papel das redes sociais, e refletir sobre os desafios e possibilidades do manejo clínico diante dessas novas configurações do mal-estar.

A revisão permitiu constatar que, embora Freud não utilize o termo adolescência, esse período encontra lugar em sua obra por meio do conceito de puberdade. O autor comprehende esse momento como um tempo de intensificação pulsional, de reorganização psíquica e de redefinição dos investimentos libidinais, marcado pelo término do complexo de Édipo e pela

abertura para novos objetos de desejo. Trata-se, portanto, de uma passagem crítica, na qual o sujeito é convocado a elaborar lutos, reposicionar identificações e sustentar uma nova relação com a própria sexualidade. Nesse sentido, ainda que não descrita como uma fase autônoma, a adolescência aparece, na psicanálise, como um período privilegiado para observar a constituição subjetiva em movimento.

Nesse momento, ocorre uma reorientação dos afetos e das pulsões, assim como a passagem do “eu ideal” para o “ideal do eu”, enfatizando a busca do adolescente por modelos identificatórios em confronto com a percepção de si como não-ideal. Essa discrepancia pode intensificar sentimentos de inadequação, configurando-se como uma das marcas do sofrimento adolescente.

No contexto contemporâneo, observou-se que essas crises ganham novas tonalidades em razão da presença massiva das redes sociais na vida dos jovens. A revisão indicou que tais espaços funcionam, por um lado, como territórios simbólicos, nos quais fantasias e desejos podem encontrar expressão e até uma forma de realização. Por outro lado, evidenciou-se que a lógica de exposição permanente, de comparações incessantes e de circulação acelerada de informações pode produzir efeitos de angústia e favorecer uma busca compulsiva por reconhecimento. Assim, a adolescência, já marcada pela instabilidade e pela reorganização psíquica, encontra-se atravessada por novas exigências e ilusões produzidas pelo universo digital.

9559

A clínica, nesse cenário, se apresenta como um espaço fundamental de elaboração. Destacou-se a importância de que o psicólogo sustente uma escuta atenta, capaz de acolher o sofrimento singular de cada adolescente. Muitos jovens são rotulados de forma apressada como desatentos, hiperativos ou indisciplinados, quando, na realidade, expressam conflitos próprios da fase e do meio em que estão inseridos. Uma clínica psicanalítica deve favorecer processos de ressignificação, possibilitando ao adolescente integrar suas experiências.

Como limitação deste trabalho, reconhece-se que, por se tratar de uma revisão narrativa, não houve a pretensão de esgotar a complexidade do tema. A seleção das obras pode ter excluído outras contribuições relevantes, o que limita a abrangência das análises. Assim, esses fatores reforçam que este estudo se propôs mais a abrir caminhos de reflexão do que a oferecer respostas definitivas.

Para pesquisas futuras, sugere-se que se investigue mais detidamente os efeitos clínicos do uso das redes sociais na adolescência, seja por meio de estudos de caso, pesquisas qualitativas

ou mesmo análises longitudinais que acompanhem os impactos a médio e longo prazo. Seria igualmente relevante comparar como diferentes contextos culturais e socioeconômicos modulam a vivência adolescente diante da hiperconexão digital.

Em síntese, conclui-se que a adolescência, compreendida pela psicanálise como tempo de transição e reorganização subjetiva, é atravessada na contemporaneidade por demandas produzidas pela sociedade digital. Tais atravessamentos não anulam os conflitos estruturais desse período, mas os complexificam e intensificam, exigindo da clínica um olhar atento, ético e atualizado. Este estudo, ao reunir contribuições clássicas e contemporâneas, buscou evidenciar que compreender a adolescência atual é também compreender os novos modos de subjetivação que se desenham no século XXI, tarefa que permanece aberta e desafiadora para a teoria e para a prática psicanalítica.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA PS, FERNANDES AH. O Sujeito Adolescente e o Corpo: Uma Leitura Psicanalítica. *Rev. Subj.*, vol.20, n.spe2, pp.1-12. Fortaleza, 2020.
2. BAPTISTA A, JERUSALINSKY J (orgs.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Editora Ágalma, 2017. Cap. 1.
3. CABBAL AC. Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 3, p. 1-13, dez. 2020.
4. CALLIGARIS C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000. Cap. 4.
5. CANAVÉZ F, CÂMARA L. O laço social contemporâneo a partir da experiência adolescente. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 264-279, 2020.
6. DOURADO AP, SOARES FR. O manejo clínico psicanalítico com adolescentes: contribuições aos jovens analistas. *Psicologias em Movimento*, v. 1, n. 1, p. 62-64, jul-dez 2021.
7. FERNANDES BLM. A adolescência e suas interações nas redes sociais: o corpo e o mal-estar na contemporaneidade. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Orientadora: Professora Doutora Anamaria Silva Neves.
8. FERREIRA GS, RAVASIO MH. Considerações sobre a adolescência a partir da psicanálise freud-lacaniana. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 28, especial, p. 65-78, jun. 2018.
9. FLANZER SN. Jovens em tempos digitais. 1. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 2020. Cap 2.
10. FREUD S. Obras completas: volume VII (1901-1905): Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
11. GARRITANO EJ, SADALA G. O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica. *Labore – Estudos Contemporâneos em Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2010.
12. GOMES VRR. A adolescência sob a lente da psicanálise articulada ao social. *Revista Cesumar – Ciências*

Humanas e Sociais Aplicadas, v. 22, n. 2, p. 247–260, 2017.

13. GURSKI R, PEREIRA MR. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429–440, 2016.
14. KALLAS MBLM. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55–63, jun. 2016.
15. KNOBEL M. Introdução. In: Aberastury, A.; Knobel, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Mídicas, 1981.
16. LAKATOS EM, MARCONI MA. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
17. PEREIRA AS, et al. *Adolescência e virtualidade: vias de (des)conexão*. Publicação CEAPIA, Porto Alegre, n. 28, p. 43–55, 2019.
18. VIOLA DTD, VORCARO AMR. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 62–70, jan./abr. 2015.
19. VIOLA DTD, VORCARO AMR. Latência, adolescência e saber. *Estilos clin.*, São Paulo , v. 18, n. 3, p. 461–476, dez. 2013.